

Guia para projeção do filme DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL em espaços formais e não formais de Educação.

Capa da versão restaurada e remasterizada.



Instituto Federal do Paraná - Campus Curitiba
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
Área de Ensino e na grande área Multidisciplinar da CAPES
Linhos de Pesquisa - Práticas Educativas em EPT

Autor: Nilson dos Santos Moraes

Orientador: Adriano Willian da Silva Viana Pereira



NILSON DOS SANTOS MORAIS

**GUIA - GUIA PARA A PROJEÇÃO DO FILME DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL EM
ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProFEPT), do Instituto Federal do Paraná – Campus Curitiba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado e validado em 31 de agosto de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Willian da Silva Viana Pereira
Instituto Federal do Paraná – Orientador

Prof. Dr. Wilson Lemos Junior
Instituto Federal do Paraná

Prof. Dr. Alisson Antonio Martins
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Edilson Aparecido Chaves
Instituto Federal do Paraná

Certifico que, em atendimento às Portarias nº 18/2020 PROEPP/IFPR, nº 36/2020 CAPES e nº 849/2020 Reitoria/Ifes, a banca de defesa foi realizada com a participação a distância de todos os membros e, depois das arguções e deliberações realizadas os participantes a distância estão de acordo com o contido na ata de defesa de dissertação do aluno **Nilson dos Santos Moraes**.

Prof. Dr. Adriano Willian da Silva Viana Pereira
Instituto Federal do Paraná – Presidente da banca de defesa

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – CAMPUS CURITIBA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – IFPR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA–PROFEPT

ORGANIZAÇÃO
Nilson dos Santos Moraes

ORIENTAÇÃO
Adriano Willian da Silva Viana Pereira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Margareth Bastos

Dados da Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Paraná
Biblioteca do Campus Curitiba

M827 Moraes, Nilson dos Santos
Guia para projeção do filme Deus e o diabo na terra do sol em espaços formais e não formais de educação, Nilson dos Santos Moraes, Adriano Willian da Silva V. Pereira. – Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2020. - 23 p. : il. color.

1. Educação - Brasil. 2. Ensino profissional. 3. Cinema.
4. Profept. I. Pereira, Adriano Willian da Silva V. II. Título

CDD: 23. ed. - 370

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que seja citada a fonte.



**Guia para projeção do filme
DEUS E O DIABO
NA TERRA DO SOL
em espaços formais e não
formais de Educação.**

Instituto Federal do Paraná - Campus Curitiba
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
Área de Ensino e na grande área Multidisciplinar da CAPES
Linhos de Pesquisa - Práticas Educativas em EPT

Autor: Nilson dos Santos Moraes
Orientador: Adriano Willian da Silva Viana Pereira

APRESENTAÇÃO

O produto educacional proposto está caracterizado pela CAPES como guia instrucional, que poderá ser utilizado por docentes e técnicos do Instituto Federal do Paraná, bem como por movimentos sociais e culturais que objetivam a formação de público em cinema nacional.

Este material propõe contribuir para a formação docente e dos estudantes na linguagem cinematográfica do Cinema Novo, principalmente da obra produzida em 1964 pelo diretor Glauber Rocha. Sobre a ideia de formação a partir da abordagem do cinemanovista, a formação docente poderá acontecer em dois momentos: o docente

formar-se na linguagem fílmica no momento do planejamento da atividade docente; em outro, na ação do sujeito da ação pedagógica que busca garantir a formação dos estudantes e forma (confirma ou nega) sua interpretação do filme no momento da projeção e discussão da obra. Portanto, este guia é um convite para assistir e debater o filme Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha. No limite, mesmo com o guia em mãos, mas sem o acesso prévio ao filme pelo docente, a discussão e interação entre autor-obra-público perde sua finalidade, pois o filme constitui o elemento central da formação de público em cinema nacional.

O filme apresenta a música como elemento estruturante da linguagem cinematográfica de Glauber Rocha, como na abertura de Deus e o Diabo na Terra do Sol, oportunizando a formação ética, estética e política.

Deus e o diabo na terra do sol se passa no sertão do Nordeste brasileiro, na primeira metade do século XX, quando muitos camponeses da terra assolada pela seca (como os protagonistas Manuel e Rosa) ora se voltavam para beatos (como a figura histórica de Antônio Conselheiro em Canudos, e, no filme, o beato Sebastião), ora para o cangaço (representado, no filme, pela figura de Corisco), ou seja, para a luta armada contra os fazendeiros. Em meio a essa luta, há o personagem Antônio das Mortes, encarregado pelos fazendeiros de combater os cangaceiros. Ao longo do filme, Glauber Rocha utiliza de,

de forma extradiegética, as seguintes obras de Villa-Lobos: três movimentos das Bachianas Brasileiras n.2 (de 1930), outros três das Bachianas Brasileiras n.4 em versão orquestral (composta em 1941, a partir da versão original para piano, de 1930), a Cantilena das Bachianas Brasileiras n.5 (de 1938), a peça coral Magnificat Alleluia (de 1958), o Allegro non troppo do Quarteto de cordas n.11 (de 1947) e o Choros n.10 (de 1926) - Tabela 1. Portanto, embora a maior parte delas pertença à chamada fase neoclássica de Villa-Lobos, há peças também das fases modernista e universalizante do compositor. (ALVIM, 2015, p.106)

O guia instrucional apresenta algumas categorias teóricas, como: a música, a fome, a seca, o fenômeno religioso, a alienação, a violência, o papel na mulher, o poder local, a justiça, a morte com redenção e a reforma agrária. Tais categorias são discutidas na

linguagem cinematográfica de Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha.

Afirma-se que as categorias discutidas no filme estão em consonância com o debate político e cultural da década de 1960, período caracterizado pela convergência entre a arte e a política, que possivelmente influenciou Glauber Rocha no roteiro e direção do filme.

Alguns dos papéis são de porte Shakespeariano. Antônio das Mortes, com sua metafísica do mal, seus destino infalível. Corisco, com sua ética vingadora, sua estética suicida. E o beato Sebastião, comandando o desvario místico, a poesia redentora das massas. Não são personagens definitivos realisticamente, nem parâmetros sociais, sociológicos ou socialistas.

Encaixam uma série de injunções, catalisam as conjunturas, codificam de maneira complexa as convergências dialéticas entre o humano, o imaginário e o econômico. São papéis complexos, difíceis, jamais vistos no nosso cinema. Uma equipe de atores com performances tão precisas, admirável, sem a menor dissonância. (GRUNEWALD, 2001, p. 146, 147).

A opção pelo Cinema Novo envolve as discussões de Glauber Rocha e outros intelectuais que viam no cinema uma forma de construir um projeto político e estético de nação. Para Xavier (2001), o cinema é uma instância de reflexão da crítica, das representações sociais, culturais e políticas.

Desse violento processo dialético de informação, análise e negação, surgirão duas formas concretas de uma cultura revolucionária: a didática/épica e a épica/didática.

A didática e a épica devem funcionar simultaneamente no processo revolucionário. A didática: alfabetizar, informar, educar, conscientizar as massas ignorantes, as massas médias alienadas. A épica: provocar o estímulo revolucionário. A didática será científica. A épica será uma prática poética, que terá de ser revolucionária do ponto de vista estético para que projete revolucionariamente seu objeto ético (...).

Uma revolução econômica e política que se desliga de uma revolução cultural torna-se insuficiente na medida em que conflita o homem entre sua liberação econômica e seu atraso mental. (ROCHA, 2003, p. 67).

O texto de Glauber Rocha de 1967 trabalha com os conceitos de didática/ épica e épica/didática. Nele, o autor demonstra

como o filme, a arte e a cultura são elementos fundamentais para buscar a alteração e formação de uma consciência revolucionária e, portanto, formação política de público a partir da projeção de filmes do Cinema Novo.

CERTIFICADOS E SINOPSE DO FILME

Certificado de Censura Federal de 14.04.1964, 30 cópias, 90m, trailer. Certificado de Censura Federal 20.036 de 16.07.1964, 30 cópias, 98m, trailer. Proibido para menores de 18 anos. Certificado de Censura Federal 20.037 de 16.07.1964, 15 cópias, 3.387m. Proibido para menores de 18 anos. Certificado de Censura Federal de 06.04.1964, 15 cópias, 3.000m. Certificado de Produto Brasileiro: B0400079700000 de 02.05.2005.

Círculo exibidor: lançado em São Paulo, a partir de 31.08.1964, no Windsor e círculo. Exibido em Belo Horizonte a 29.10.1964, nos cines Brasil e Guarani.

“Manuel e Rosa subexistem no sertão nordestino por meio de trabalhos prestados a um coronel. No dia da partilha de gado entre Manuel e o coronel, os dois discutem e Manuel vinga a injustiça do coronel com sangue. Perseguido, Manuel mata dois capangas do coronel, mas um deles mata sua mãe. Sem mais raízes na casa materna, Manuel resolve seguir o beato Sebastião e seus fiéis. Rosa, sempre cética ao poder de Sebastião, tenta persuadir o marido a desistir da vida santa. Mas Manuel se dedica ardorosamente ao beato, compartilhando com ele um sacrifício de uma criança, quando Rosa,

desesperada, assassina o beato enquanto Antônio das Mortes arrasa todos os seguidores de Sebastião. Manuel e Rosa, mais uma vez, se entregam ao destino do sertão, até encontrarem Corisco, o diabo loiro. Este aceita a inclusão de Manuel em seu bando e o rebatiza como Satanás. Com o novo nome, Manuel pilha e destrói fazendas, ganhando fama por todo sertão por meio das cantigas de cego Júlio. Novamente Antônio das Mortes entra em cena para iniciar a 'grande guerra', matando Corisco e seu bando, para que Manuel e Rosa rumem em direção ao mar da redenção”.

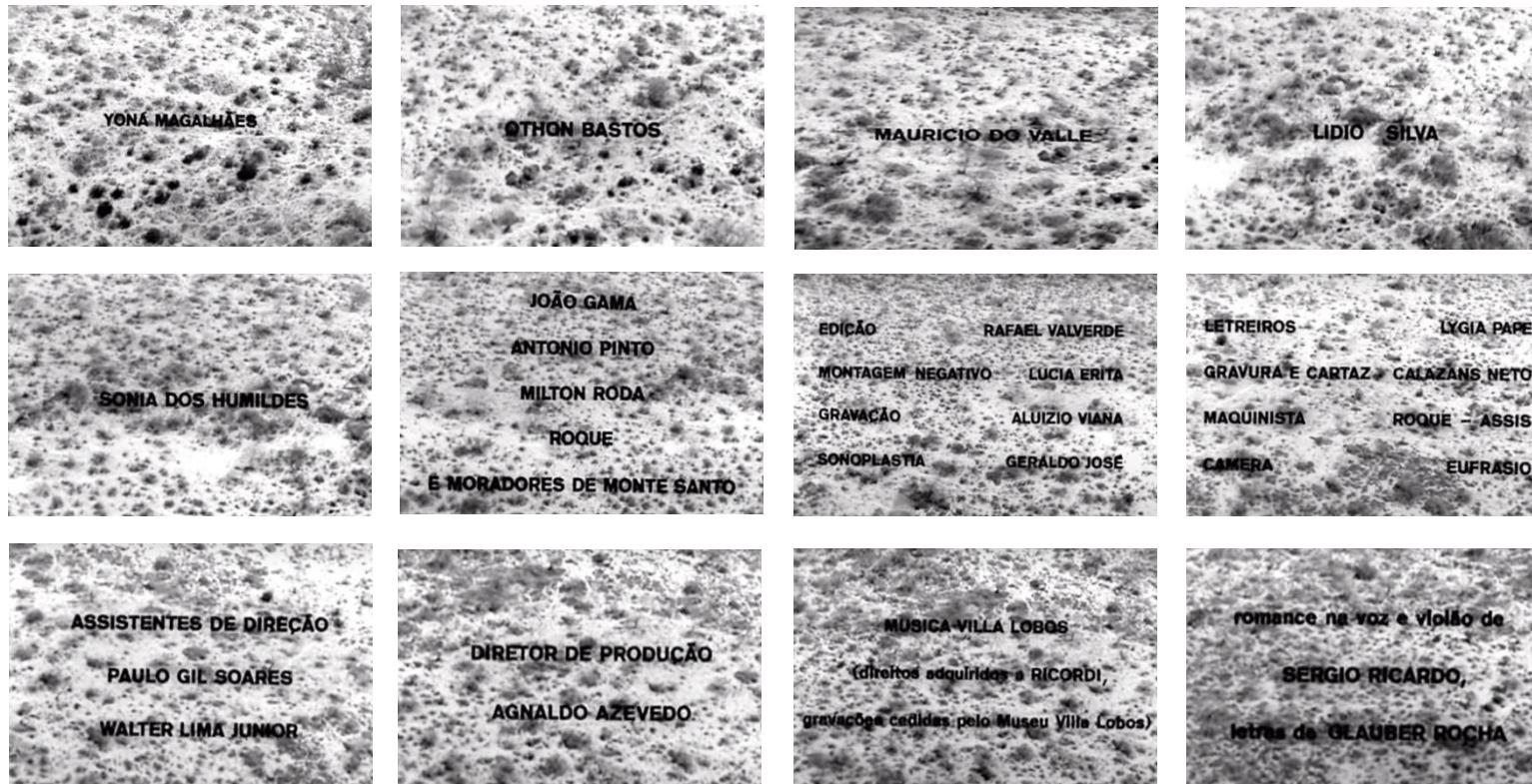
<http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILEMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=002154&format=detailed.pft>.
Acesso em 27/04/2020.

A MÚSICA DE VILLA-LOBOS

Os créditos iniciais do filme são apresentados ao som da Ária (O canto da nossa terra), da Bachianas n.2, começando em Tempo di Marcia.



A MÚSICA DE VILLA-LOBOS É REPRESENTATIVA EM OUTRAS CENAS DO FILME, CONFORME DEMONSTRA A TABELA.



TRECHO	TEMPO DE INÍCIO	PEÇA MUSICAL, PARTE	SEQUÊNCIA
1	0'46"	Ária (O canto da nossa terra), das Bachianas nº 2, começando em Tempo di Marcia.	Créditos iniciais.
2	15'50"	Dança (Lembrança do Sertão) das Bachianas nº 2.	O coronel chicoteia Manuel. Manuel, revida e depois foge.
3	19'17"	<i>Magnificat Alleluia.</i>	Enterro do corpo e partida de Manuel e Rosa.
4	20'52"	Ária (Cantiga) das Bachianas nº 4.	Manuel e Rosa andam na estrada.
5	24'03"	Coral (Canto do Sertão) das Bachianas nº 4.	Após Manuel aceitar se juntar ao beato Sebastião.
6	33'01"	Dança (Miudinho) das Bachianas nº 4.	Briga dos cangaceiros com Antônio das Mortes
7	78'42"	Ária (O canto da nossa terra) das Bachianas nº 2, Largo do início. Segue com o <i>Allegro non troppo</i> do quarteto nº 11.	Após o batismo de Manuel por Corisco como "Satanás". O massacre na fazenda.
8	82'56"	<i>Magnificat Alleluia.</i>	Após Manuel castrar o fazendeiro.
9	96'39"	Prelúdio (Canto do capadócio) das Bachianas nº 2.	O cego chega ao acampamento de Corisco após conversa com Antônio das Mortes.
10	107'46"	Ária (Cantilena) das Bachianas nº 5.	Corisco e Rosa se tocam.
11	118'10"	Choros nº 10, parte final.	Manoel corre para o mar.

TABELA ADAPTADA DE OUTRA FONTE: ALVIM, L. A música de Villa-Lobos nos filmes de Glauber Rocha dos anos 60: alegoria da pátria e retalho de colcha tropicalista. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 42, n. 44, p. 100-119, 18 dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/103205/106894>. Acesso em 18/05/2020.

REPRESENTAÇÃO DA FOME

Categorias teóricas: fome, paisagem e seca.

Cenas: o vaqueiro Manuel (Geraldo Del Rey) encontra as suas vacas mortas na paisagem da seca.

Tempo: 2':03" – 2':50"

Para formação sobre o tema:

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.



FÉ E ESPERANÇA

Categorias teóricas: o fenômeno religioso em sua diversidade de perspectivas – alienação, violência e esperança.

Cena: o vaqueiro Manuel (Geraldo Del Rey) encontra o cortejo de camponeses dirigido pelo Beato Sebastião (Lídio Silva).

Tempo: 4':30" – 5':50"

Para formação sobre o tema:

ADAM, Júlio Cézar. Deus e o diabo na terra do sol Religião vivida, conflito e intolerância em filmes brasileiros. *Estudos de Religião*, v. 31, n. 2 • 77-99 • maio-ago. 2017. Disponível em
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6697/5894>. Acesso em 18/05/2020.



REPRESENTAÇÃO DA MULHER

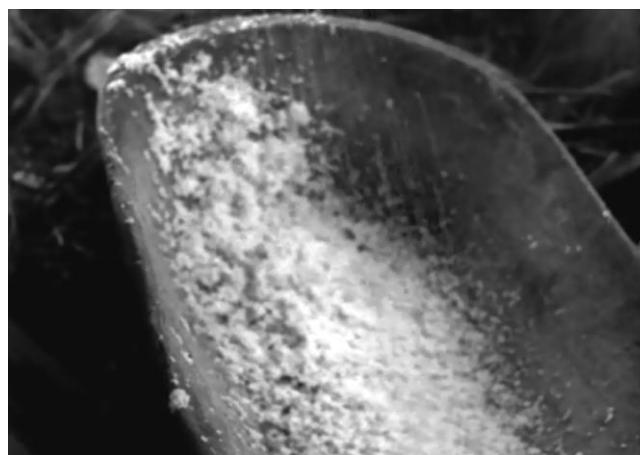
Categoria teórica: representação da mulher.

Cenas: O vaqueiro Manuel (Geraldo Del Rey) dialoga com Rosa (Yoná Magalhães) sobre o encontro com São Sebastião, em seguida produzirão a farinha de mandioca e se alimentarão.

Tempo: 6'10" - 9'30"

Para formação sobre o tema:

AVELLAR, José Carlos. Deus e o diabo na terra do sol: a linha reta, o melaço da cana e o retrato do artista quando jovem. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.



REPRESENTAÇÃO DO CORONELISMO E JUSTIÇA

Categorias teóricas: poder local, coronelismo, violência e justiça.

Cenas: o vaqueiro Manuel (Geraldo Del Rey) negocia a venda das suas vacas com o coronel Moraes, que não tem interesse em negociação com o vaqueiro. O resultado da conversa é a resolução do problema pela violência e a justiça dos donos da terra.

Tempo: 13'50" - 18'04"

Para formação sobre o tema:

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2^aed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.



REPRESENTAÇÃO DA MORTE

Categorias teóricas: a morte como redenção, fé e política.

Cenas: o vaqueiro Manuel (Geraldo Del Rey) conversa com Rosa sobre a morte de sua mãe e sua ida para monte santo para encontrar São Sebastião.

Tempo: 18'05" - 21'06"

Para formação sobre o tema:

XAVIER, Ismail. Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal. São Paulo: Cosac Naify, 2012.



REPRESENTAÇÃO DA VIOLENCIA E RELIGIÃO

Categorias teóricas: violência, religião e ação.

Cena: religiosos armados, guiados pelo vaqueiro Manuel (Geraldo Del Rey) e por São Sebastião, saqueiam um vilarejo.

Tempo: 13'50" - 18'04"

Para formação sobre o tema:

AVELLAR, José Carlos. Deus e o diabo na terra do sol: a linha reta, o melaço da cana e o retrato do artista quando jovem. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.



REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM E DA ESPERANÇA

Categorias teóricas: religião e fé.

Cena: São Sebastião dialoga com Manuel sobre a possibilidade de um mundo para além de Monte Santo.

Tempo: 29'53"

Para formação sobre o tema:

XAVIER, Ismail. Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome - 2a. edição com nova apresentação. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



REPRESENTAÇÃO DO DRAGÃO DA MALDADE

Categorias teóricas: violência e poder local.

Cena: Antônio das Mortes (Maurício do Valle) matador de aluguel.

Tempo: 33'33"

Para formação sobre o tema:

XAVIER, Ismail. O cinema brasileiro moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2001.



REPRESENTAÇÃO DA IGREJA E DO PODER LOCAL

Diálogo da cena:

Padre: Depois que ele apareceu, na paróquia não apareceu nenhum centavo de batismo ou casamento.

Coronel: Sebastião prejudica as fazendas, prejudica as igrejas e o governo nunca apareceu. Eu sempre disse, aqui só existem duas leis, a lei do governo e da bala. Eu nunca resolvi eleição com voto.

Padre: Se os fortes não se unirem, eles acabam com tudo.

Antônio das Mortes: Matar cangaceiro é arriscado, mas é fácil. Todo mundo está lembrado de Canudos, vieram as tropas do governo para lutar contra os beatos do conselheiro. Pensavam que era coisa pequena e deu na guerra que deu...Os homens lutavam com fé.

Padre: é preciso impedir que Sebastião se torne um novo conselheiro.

Antônio das mortes: O povo é cristão e segue ele.



Tempo: 33'40" - 40'13"

REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA, FÉ E ALIENAÇÃO

Categorias teórica: alienação.

Cena: São Sebastião afirma que Manuel precisa lavar suas mãos com o sangue de um inocente. Rosa mata São Sebastião com a mesma faca que matou a criança.

Tempo: 51'59" - 01:00:05"

Para formação sobre o tema:

XAVIER, Ismail. Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome - 2a. edição com nova apresentação. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



A MORTE COMO REDENÇÃO

Categorias teóricas: fome, morte como redenção e literatura.

Cena: Corisco (Othon Bastos) afirma que está cumprindo a sua missão de não deixar pobre morrer de fome.

Tempo: 73'30" – 76'25"

Para formação sobre o tema:

GOMES, Salatiel Ribeiro. História e Cinema: Sertão e Redenção em Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964), Dissertação de Mestrado. Brasilia, 2010. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/7618>. Acesso em 18/05/2020.



REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio Cézar. Deus e o diabo na terra do sol Religião vivida, conflito e intolerância em filmes brasileiros. *Estudos de Religião*, v. 31, n. 2 • 77-99 • maio-ago. 2017. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6697/5894>. Acesso em 18/05/2020.

ALVIM, L. A música de Villa-Lobos nos filmes de Glauber Rocha dos anos 60: alegoria da pátria e retalho de colcha tropicalista. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, v. 42, n. 44, p. 100-119, 18 dez. 2015. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/103205/106894>. Acesso em 18/05/2020.

AVELLAR, José Carlos. Deus e o diabo na terra do sol: a linha reta, o melaço da cana e o retrato do artista quando jovem. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

BARDIN, Lourence. Análise de Conteúdo; tradução luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GOMES, Salatiel Ribeiro. História e Cinema: Sertão e Redenção em Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964), Dissertação de Mestrado. Brasília, 2010. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/7618>. Acesso em 18/05/2020.

GRUNEWALD, José Lino. Um filme é um filme: O cinema de vanguarda dos anos 60 – Organização Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROCHA, Glauber. Revolução do cinema novo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. Revisão Crítica do cinema novo. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

XAVIER, Ismail. Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. O cinema brasileiro moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome – 2^a edição com nova apresentação. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GUIA IMPRESSO



impressão 4x4 | formato fechado 11cm x 20cm | dobra cruzada/sanfona | formato aberto 44cm x 40cm | Redução máxima: formato A3

GUIA EM FORMATO PDF



Arquivo disponibilizado no formato PDF (Portable Document Format) para ser visualizado em qualquer dispositivo, independente do programa que o originou.